

Homenagem à professora Staël de Alvarenga Pereira Costa: ISUF 2024 – São Paulo

Heraldo Ferreira Borges^a , Gisela Barcellos de Souza^b , Maria Cristina Villefort Teixeira^c , Eneida Maria Souza Mendonça^d , Karin Schwabe Meneguetti^e e Maria Manoela Gimmler Netto^f

^a Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: heraldo.borges@mackenzie.br

^b Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: giselabarcellos@ufmg.br

^c Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: mcrisvt@gmail.com

^d Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
E-mail: eneidamendonca@gmail.com

^e Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
E-mail: ksmeneguetti@uem.br

^f Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: manaelag Netto@gmail.com

<https://doi.org/10.47235/rmu.v13i1.467>

ISUF 2024
São Paulo | 16-20.09.2024

TRIBUTE SESSION
STAËL DE ALVARENGA PEREIRA COSTA

Sept. 17th
18h00
American School Auditorium
(Building #46: Mary Annesley Chamberlain)

will be honor by

Maria Cristina Villefort Teixeira
Full Professor, Federal University of Minas Gerais

Eneida Mendonça
Full Professor, Federal University of Espírito Santo

Karin Schwabe Meneguetti
Associate Professor, State University of Maringá

Maria Manoela Gimmler Netto
Assistant Professor, Pontifical Catholic University of Minas Gerais

Gisela Barcellos de Souza
Assistant Professor, Federal University of Minas Gerais

Mackenzie Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mack Pesquisa CAPES

Staël de Alvarenga Pereira Costa, uma referência!

Por Heraldo Ferreira Borges

Muito antes da nossa proposta para sediar o XXXI *International Seminar on Urban Form* (ISUF 2024) na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, ser confirmada, eu e a professora Denise já tínhamos plena convicção de que prestaríamos uma justa homenagem à professora Staël de Alvarenga Pereira Costa, figura fundamental e referência incontornável no ensino e na pesquisa em Morfologia Urbana no Brasil.

Professora titular do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde coordena o Grupo de Pesquisa em Desenho Ambiental e o Laboratório da Paisagem, Staël é amplamente reconhecida por sua trajetória intelectual marcada pela sensibilidade à paisagem e ao espaço urbano, bem como pelo compromisso com a formação crítica de arquitetos e urbanistas.

A homenagem ocorreu em um momento simbólico do seminário, reunindo amigos, colegas e ex-alunos que destacaram sua contribuição pioneira à consolidação dos estudos morfológicos no contexto brasileiro, seu papel essencial na articulação com redes internacionais e sua incansável dedicação à análise da paisagem urbana como palimpsesto cultural, político e afetivo, perspectiva que influenciou gerações de estudantes, docentes e pesquisadores em todo o país.

Participaram da homenagem as professoras Gisela Barcellos de Souza, Maria Manoela Gimmler Netto e Maria Cristina Villefort Teixeira (todas da UFMG), Eneida Mendonça (Universidade Federal do Espírito Santo) e Karin Schwabe Meneguetti (Universidade Estadual de Maringá) (Figura 1). Por meio de depoimentos emocionantes, fotografias e materiais de arquivo, elas destacaram as principais contribuições, realizações e conquistas de Staël ao longo de sua trajetória.

A professora Gisela lembrou o contato inicial de Staël com os princípios da Morfologia Urbana na Inglaterra e sua aplicação inaugural em estudos sobre favelas. A professora Maria Cristina apresentou as

aplicações da abordagem morfológica na leitura das paisagens brasileiras. Já a professora Eneida resgatou a importância do ISUF 2007, realizado em Ouro Preto sob a coordenação de Staël (o primeiro seminário da rede realizado na América Latina) e abordou também suas experiências em planos diretores e na aplicação do Estatuto da Cidade. A professora Karin refletiu sobre o impacto da publicação do livro *Fundamentos de morfologia urbana*, de autoria de Staël e Maria Manoela, e sua ampla repercussão na formação acadêmica e profissional. Encerrando os depoimentos, a professora Maria Manoela destacou as contribuições mais recentes de Staël e os projetos que ela ainda conduz com vigor e entusiasmo.

A homenagem contou ainda com uma surpresa especial: um vídeo previamente gravado pelo professor Ivor Samuels, orientador de mestrado de Staël e seu parceiro de pesquisa por mais de 45 anos, no qual ele lhe presta um tributo afetivo, agradecendo por tê-lo introduzido ao Brasil e às suas redes acadêmicas.

Mais do que celebrar a carreira acadêmica de Staël, o tributo reconheceu a relevância ética, teórica e conceitual de seu pensamento para os debates contemporâneos sobre Morfologia Urbana no Brasil. Ao articular tradição e inovação, Staël sempre defendeu uma leitura atenta das formas urbanas como expressões de múltiplas temporalidades e conflitos, antecipando temas hoje centrais nas discussões sobre paisagem, patrimônio e projeto urbano.

A cerimônia incluiu, ao final, a entrega simbólica de uma menção de reconhecimento em nome da comunidade científica presente. A homenagem à professora Staël Alvarenga reafirmou o compromisso do ISUF com a valorização de trajetórias intelectuais profundamente comprometidas com o pensamento crítico sobre a cidade e suas formas, bem como com a produção de conhecimento relevante, plural e generoso.



Figura 1. Registro fotográfico ao final da homenagem. À esquerda, Karin Meneguetti, Eneida Mendonça, Heraldo Borges, Staël Costa, Gisela de Souza, Maria Cristina Villefort e Maria Manoela Netto (fonte: Acervo ISUF2024)

Rumo à Morfologia Urbana

Por Gisela Barcellos de Souza

Do planejamento ao *Urban Design*

Em 1979, uma jovem arquiteta brasileira desembarcava na Inglaterra para cursar seu mestrado no primeiro curso de *Urban Design* da Europa, o do Joint Centre for Urban Design (Raftery, 2023). Embora ainda não tivesse alcançado seus trinta anos, não se pode dizer que Staël de Alvarenga Pereira Costa era inexperiente. Logo depois de formada, cursou uma especialização em Urbanismo na UFMG entre 1975 e 1976 e passou a integrar o quadro de técnicos do Plambel, uma das instituições pioneiras no planejamento metropolitano no Brasil (Tonucci, 2012). Junto ao Plambel, Staël trabalhou no setor de parcelamentos em áreas rurais, emitindo diretrizes e normas em um momento de grande expansão metropolitana.

Em Oxford, Staël foi acolhida pela orientação de Ivor Samuels, professor então recém-chegado da Edinburgh University. O curso de *Urban Design* havia sido proposto em 1972, com o objetivo de preencher a lacuna entre planejadores e arquitetos (Hayward; McGlyn, 1993). Observava-se no Reino Unido um distanciamento entre a “arquitetura [que estava] muito preocupada com edifícios individuais especiais, enquanto o planejamento naquela época, particularmente nos círculos acadêmicos, havia se preocupado com o processo e a gestão, a economia e o bem-estar social” (Samuels, 2016, p. VI). O descontentamento popular com os espaços livres públicos criados no pós-guerra justificava a abertura de um curso de pós-graduação, cujo cerne estava na constituição física da cidade (Samuels, 2016). Em sua estadia, Staël pôde testemunhar os anos iniciais deste centro de estudos, marcados por intensos debates em seminários e palestras, realizados entre 1976 e o início dos anos 1980 – cujos resultados podem ser parcialmente apreendidos na publicação do manual de ampla circulação, nomeado *Responsive environments* (Bentley et al., 1985).

Ainda que o curso tivesse a clara preocupação de compreender as implicações formais de ideias políticas e sociais (Bentley et al., 1985),

no final dos anos 1970, as principais referências que circulavam entre o corpo docente e discente para o estudo da forma urbana eram Gordon Cullen – um dos seus professores –, Kevin Lynch e Christopher Alexander. As primeiras ressonâncias do debate pertinente ao tipo-morfologia italiana na Inglaterra apareceram de forma enviesada por meio da realização da exposição *Rational Architecture*, em 1975 (Londres) e restringiram-se, em maior intensidade, ao contexto da atuação de Leon Krier junto à Architectural Association (Barcellos de Souza, 2012). Raras eram as menções a Samonà, Muratori e mesmo Rossi antes dos anos 1980 (Samuels, 1985). Segundo Samuels (1985, 2015), Rossi e Aymonino penetraram no curso de Oxford por meio de alunos latino-americanos no início dos anos 1980. Dentre esses, destaca a chilena Adriana Gebaeuer, com quem publicou seu primeiro texto sobre Morfologia Urbana em 1983 (Gebauer e Samuels, 1983). Conzen, por outro lado, era ainda desconhecido no meio arquitetônico, visto que, nas próprias palavras de Ivor Samuels, “havia pouco ou nenhum contato entre o mundo acadêmico dos geógrafos e aquele dos arquitetos urbanistas” (Samuels, 2015, p. 17). A tradição do Townscape prevalecia tanto no curso da Oxford quanto na prática do desenho urbano (Samuels, 1985; Punter, 1996).

Staël, não obstante, movida por seu interesse nos processos que conduziram à degradação urbana programada de centros urbanos e na possibilidade de sua reversão por meio de mecanismos da renovação urbana, avaliava também a Morfologia Urbana em sua dissertação. A referência naquele momento inicial, no entanto, não estava na escola inglesa nem na italiana, mas sim em autores em circulação mais ampla naquele momento: Rob Krier (1979), Alexander (1979; 1977) e Amos Rapoport (1977; 1979). O interesse difuso pela conformação física dos espaços do domínio público, bem como a facilidade de acesso em diferentes línguas explica a grande difusão do livro *Urban space*, de Rob Krier nesses anos (Barcellos de Souza, 2012). Os

estudos de comportamento ambiental de Amos Rapoport, por outro lado, atingiram maior projeção internacional nos anos 1970 (Brandley, 1970). A difusão desses estudos coincide temporalmente com a publicação de um dos mais influentes livros de Christopher Alexander, *A linguagem dos padrões*, que também constava dentre as referências mais recorrentes na dissertação de Staël.

Observa-se um contraste evidente entre as referências mencionadas e a abordagem de

Pereira Costa em sua dissertação. Apesar da ausência de destaque para o papel da parcela urbana nesses autores, a arquiteta-urbanista brasileira enfatizava a relação entre a forma edificada, o lote e a infraestrutura em sua análise dos processos de transformação e de deterioração do tecido urbano de Belo Horizonte (Pereira Costa, 1980). Combinava, nesse sentido, sua prática pregressa no Plambel com os ensinamentos do curso na Oxford Brookes (Figura 1).

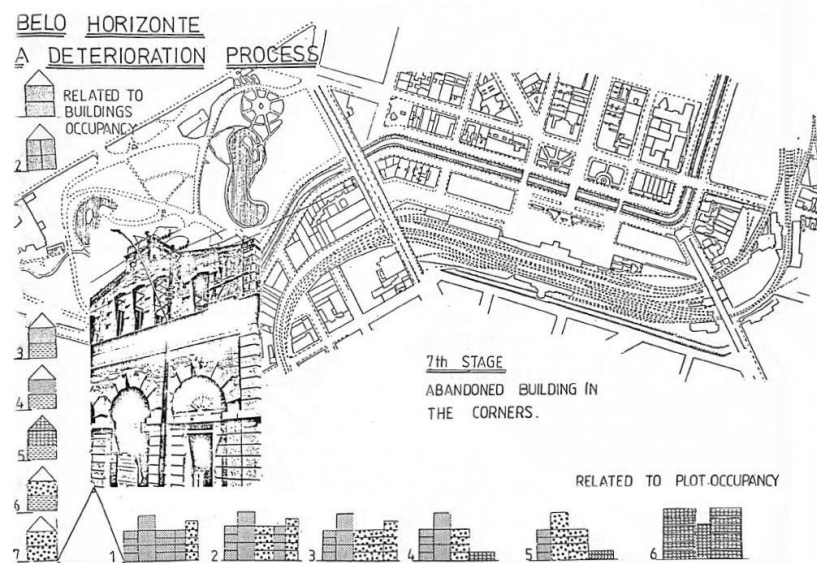


Figura 1. Relação entre o processo de deterioração urbana e a ocupação do lote, página 108 da dissertação de Staël Alvarenga Pereira Costa (fonte: Pereira Costa, 1980)

Traduzindo o *Urban Design* para a leitura urbana de favelas

Ao voltar para o Brasil em 1981, Staël encontrou Belo Horizonte tomada pelo debate sobre o destino das favelas. A amplitude das destruições causadas pelas chuvas e a crescente articulação do movimento dos favelados colocavam o assunto em evidência na mídia (Afonso e Azevedo, 1987). Somava-se a estes, o interesse do governo do Estado em apresentar uma solução alternativa às políticas de desfavelamento que vigoravam até então (Somarriba et al., 1984). Enfatizava-se a necessidade da titulação individual dos lotes tal qual ocupados, desafio complexo e interdisciplinar, cuja investigação foi incumbida ao Plambel (1983a).

A fim de estudar mecanismos para a inserção das favelas na cidade e parâmetros para definição dos lotes, uma equipe coordenada por Staël foi responsabilizada pela execução de um estudo de caso sobre a Vila Cafezal

(Plambel, 1983b). A arquiteta-urbanista aproveitou a oportunidade para adaptar a aprendizagem e os conhecimentos que trouxe da sua formação em Oxford para a leitura urbana de favelas de Belo Horizonte, trabalho que desenvolveu entre 1981 e 1982.

Um dos métodos que ela introduziu foi aquele proposto por Rapoport e de seus estudos em comportamento ambiental (Rapoport, 1977; 1979). De fato, a observação dos pontos de encontro dos moradores, dos caminhos mais utilizados e de sua relação com o entorno imediato foi essencial para identificar o que deveria ser caracterizado como a malha urbana – quais trilhas serviriam como ruas principais e secundárias, e quais seriam apenas vias de pedestres (Figura 2).

A leitura do espaço vazio entre o edificado de Rob Krier (1979) também foi convocada (Figura 3). Porém, mais do que procurar a constituição física dos espaços públicos, a equipe responsável pelo estudo de caso

interessou-se pela definição de limites dos lotes urbanos. Investigou-se como cercas e muros eram utilizados apenas nas proximidades de espaços abertos com maior circulação e como, nos outros casos, barrancos, vegetação e encostas íngremes

eram utilizados como limites difusos. Reconheceu-se que essas fronteiras pouco definidas não bloqueavam os caminhos internos aos quarteirões, ao contrário, geralmente eram contornadas por trilhas (Plambel, 1983b).

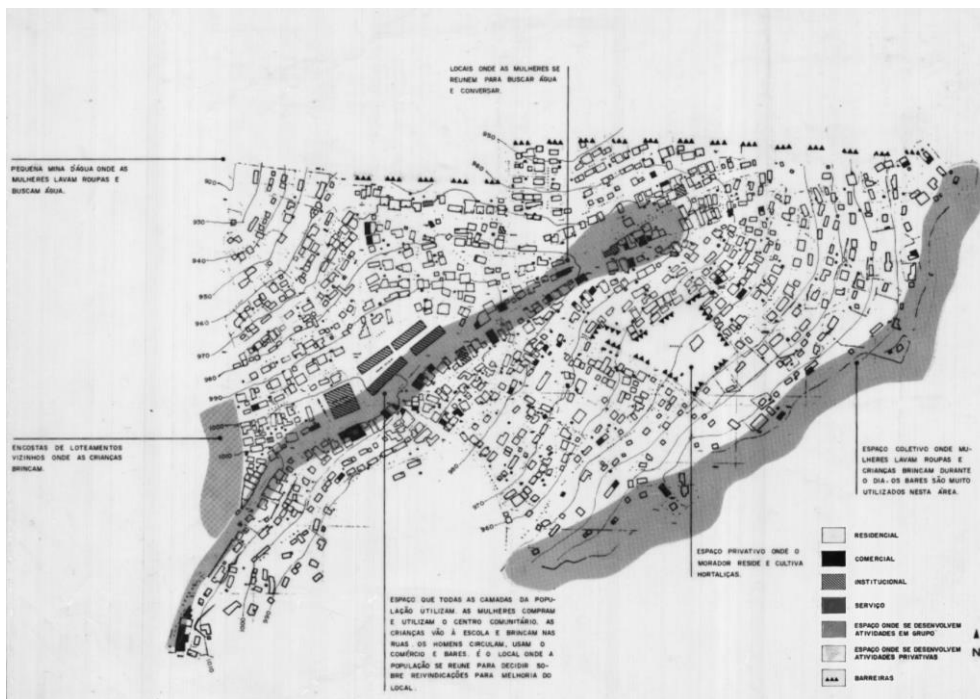


Figura 2. Mapa do comportamento ambiental da Vila Cafezal elaborado com base em levantamento de campo realizado em 1981 (fonte: Plambel, 1983b)



Figura 3. Conformação das quadras da Vila Cafezal (fonte: Plambel, 1983b)

Através da análise do processo de ocupação do lote (Figura 4), identificou-se o papel central que ele desempenhava no cotidiano local: era o espaço de convivência familiar, local onde mulheres, crianças e idosos passavam a maior parte do dia. A cozinha e os banheiros eram acessados diretamente através

do espaço livre contido em seu interior e ocorriam separados do edifício principal, utilizado apenas como dormitório.

Como resultado desse estudo de caso, propuseram, dentre outros, um método para definir quarteirões urbanos e lotes em

assentamentos informais (Figura 5). As ruas principais corresponderiam aos caminhos mais utilizados e deveriam comportar a infraestrutura urbana. Para além destas, uma subtrama conectaria as trilhas no interior das quadras, utilizando-se de escadas quando necessário. Sempre que a definição da trama de espaços públicos não permitisse a disponibilização dos serviços públicos a todas as parcelas, os lotes encravados deveriam ter

um acesso próprio ao espaço público, revisando, para tanto, os limites dos domínios vizinhos (Plambel, 1983b). O relatório concluía apresentando a defesa da necessidade de elaboração de um plano urbanístico local específico para cada favela, algo que se tornaria uma prática corrente em Belo Horizonte apenas no século XXI (Porto, Barcellos de Souza e Nobre, 2020).

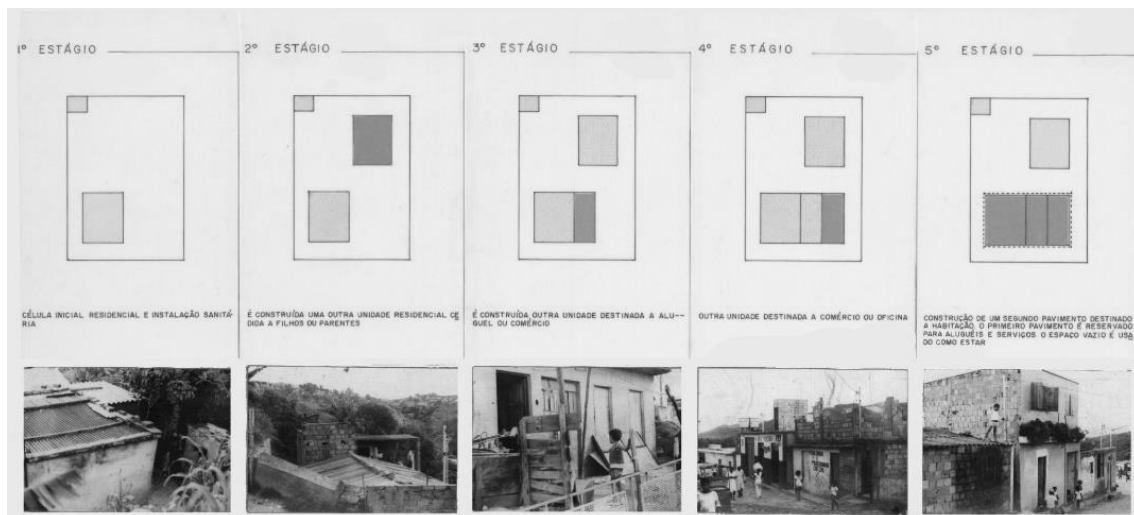


Figura 4. Processo de ocupação dos lotes (fonte: Plambel, 1983)



Figura 5. Proposta de demarcação de alinhamentos da Vila Cafezal (fonte: Plambel, 1983b)

Desdobramentos

Mesmo antes de vir a conhecer Conzen e Muratori, Staël já se interessava pelo entendimento das lógicas subjacentes à forma urbana. Se, por um lado, a vinculação ao *International Seminar on Urban Form* viria a acontecer apenas em 1999, a convite do seu orientador de mestrado (Pereira Costa e Gimmler Netto, 2015), por outro, seu orientador continuou acompanhando seus passos (Samuels, 2015), inclusive em sua atuação como coordenadora do Programa de Legalização de Favelas entre 1986 e 1996, junto a então recém-criada Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (URBEL). O desenvolvimento das pesquisas no campo da Morfologia Urbana teria, no entanto, que aguardar sua incorporação ao quadro docente da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1996. Verifica-se que, mais do que a simples aplicação de um método, o encontro com o arcabouço teórico das escolas inglesa e italiana de Morfologia Urbana representou uma convergência para Staël: ressonava, materializava e aprofundava um conhecimento que já buscava desde o final dos anos 1970.

Referências

- Afonso, S.; Azevedo, E. (1987) “Cidade, poder público e movimento dos favelados”, em Pompermayer, M. J. (ed) *Movimentos sociais em Minas Gerais* (Editora UFMG, Belo Horizonte).
- Alexander, C. (1979) *The timeless way of building* (Oxford University Press, Oxford).
- Alexander, C. (1977) *The pattern language* (Oxford University Press, Oxford).
- Barcellos de Souza, G. (2012) “A cidade redescoberta: o debate da tipo-morfologia no contexto europeu dos anos 1970” *Cadernos PROARQ* 19 (1), 71-88.
- Bradley, R. V. V. (1970) “A critical analysis of the writings of Amos Rapoport”, *Journal of Architectural Education* 24 (2/3), 16-25.
- Bentley, I.; Murrain, P.; Smith, G.; Alcock, A.; McGlynn, S. (1985) *Responsive environment*. (Elsevier, Oxford).
- Gebauer, M. & Samuels, I. (1983) *Urban morphology: an introduction* (Joint Centre for Urban Design Research Note. n. 8).
- Krier, R. (1979) *Urban space* (Academy Editions, London).
- Hayward, R., McGlynn, S. (1993) *Making better places: urban design now* (Butterworth-Heinemann Ltd., Oxford).
- Pereira Costa, S. A. (1980) “Urban renewal - urban revolution?”, Dissertação de Mestrado não publicada, Oxford Polytechnic, Reino Unido.
- Pereira Costa, S. A., Gimmler Netto, M. M. (2015) *Fundamentos de morfologia urbana* (C/Arte, Belo Horizonte).
- Plambel (1983a) *Favelas na RMBH* – v. 1 (Plambel, Belo Horizonte).
- Plambel (1983b) *Favelas na RMBH. Belo Horizonte: favelas em Belo Horizonte estudo de caso* - v. 3 (Plambel, Belo Horizonte).
- Porto, H., Barcellos de Souza, G., Nobre, M. (2020) “Entre a igreja católica e o terceiro setor: relações transescalares e a atuação da AVSI em Belo Horizonte”, *Indisciplinar* 6(1), 394-427. <http://dx.doi.org/10.35699/2525-3263.2020.26345>
- Punter, J. (1996) “Urban design theory in planning practice: the british perspective”, *Built Environment* 22 (4), 263-277. <https://www.jstor.org/stable/23288422>
- Raftery, J. (2003) “Introduction”, *BE* (3), 4.
- Rapoport, A. (1977) *Human aspects of urban form* (Pergamon Press, Oxford).
- Rapoport, A. (1979) “An approach to designing third world environments”, *Third World Planning Review* 1 (2), 23-40.
- Samuels, I. (1985) *Urban morphology in design* (Joint Centre for Urban Design Research Note. n. 19).
- Samuels, I. (2015) “Prefácio” em Pereira Costa, S. A., Gimmler Netto, M. M. *Fundamentos de morfologia urbana* (C/Arte, Belo Horizonte).
- Samuels, I. (2016) “Introduction” em Castex, J; Panerai, Ph; Depaule, J-C *Urban forms: the death and life of the urban block* (Routledge, London).
- Somarriba, M. M., Valadares, M. G., Afonso, M. R. (1984) *Lutas urbanas em Belo Horizonte* (Vozes, Belo Horizonte).
- Tonucci, J. B. M. (2012) “Dois momentos do planejamento metropolitano em Belo Horizonte: um estudo das experiências do PLAMBEL e do PDDI-RMBH”, Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de São Paulo.

O Laboratório da Paisagem: a paisagem e a Morfologia Urbana

Por Maria Cristina Villefort Teixeira

Desde cedo o entendimento sobre a paisagem fez parte da vida da Staël, pois a mãe geógrafa já lhe apresentara Itabira, sua terra natal, com os cursos d'água e as serras embelezadas pelo céu ainda limpo daquela cidade. Sua mãe também lhe mostrou a exploração do minério, tão característica na região, largando pelo caminho os rasgos que sulcavam a até então intacta paisagem local.

A escolha de Staël pela Arquitetura tem a ver com essa vivência anterior. E isto não seria diferente na sua trajetória profissional: as atuações no Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Plambel) e na Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (Urbel) deixaram inestimável legado; o mestrado em *Urban Design* renovou ainda mais o interesse de Staël pelo estudo da paisagem, que já fazia parte da sua vida acadêmica e profissional. Aliás, ali surgiram os primeiros contatos da Staël com a Morfologia Urbana, por intermédio do seu orientador Ivor Samuels. A tese de doutorado mostrou com excelência as transformações ocorridas nas bordas metropolitanas da paisagem da capital mineira, especialmente aquelas vinculadas aos impactos no ambiente.

Desde então, suas pesquisas direcionaram ações que exploravam as qualidades ambientais, paisagísticas e culturais das cidades mineiras, apresentando potencialidades locais e regionais que pudessem retratar a identidade dos moradores com o local. Como exemplos, citam-se os trabalhos realizados sobre o roteiro metropolitano da Estrada Real, a revitalização da paisagem de São Tomé das Letras e a recuperação dos espaços livres de Itabira.

A implantação do Laboratório da Paisagem da Escola de Arquitetura da UFMG - LaP, a partir de 2008, sob a coordenação da Staël, ampliou os horizontes para novos estudos sobre a paisagem. Este laboratório se constituiu parte integrante do Grupo de Pesquisas do Quadro do Paisagismo do Brasil - QUAPÁ-SEL, da USP, sob a coordenação de

Silvio de Macedo, orientador de Staël no doutorado, e abriu perspectivas para estudos dos espaços livres nas cidades brasileiras.

As pesquisas iniciais do LaP contemplavam a paisagem como referência, sobressaindo temas relacionados aos espaços livres integrados e ao olhar ambiental e cultural na busca da qualidade urbana. No desenvolvimento dos estudos sobre esses temas, sempre houve preocupação nas ações conjuntas de ensino, pesquisa e extensão para subsidiar o conhecimento dos alunos e bolsistas.

Os resultados dessas pesquisas apresentavam as franjas metropolitanas nos vetores norte e sul de Belo Horizonte. A observância do intenso e acelerado processo de urbanização indicava o comprometimento e os riscos para a paisagem local, especialmente aqueles que diziam respeito aos espaços livres e sua vulnerabilidade.

Uma das premissas importantes do LaP, preconizadas por Staël, era de que os trabalhos de campo coletivos poderiam traçar caminhos para o amplo conhecimento do local. Isto possibilitava melhor abordagem dos vários setores estudados e, além disso, permitia a formação ampla dos participantes do laboratório, especialmente os alunos bolsistas. O olhar sobre a cidade, do alto de uma montanha, em que se vislumbrava todo o contexto urbano, era o primeiro contato global. A partir daí, eram feitas reuniões sucessivas com mapeamento e identificação dos principais aspectos que geraram a estrutura urbana daquele local.

A necessidade de recuperação e revitalização demandava associar conceitos do *Design with nature*, de Ian McHarg (1969), e da *Landscape ecology*, de Forman e Godron (1986), que permitiam o entendimento das transformações na paisagem, causadas principalmente pelos impactos da urbanização.

Ao mesmo tempo, a identificação das matrizes, manchas e dos corredores

ecológicos organizava os princípios da condição ambiental para definição de uma paisagem que pudesse definir o planejamento adequado da expansão urbana.

Ao observar tais transformações na paisagem, veio a necessidade premente de maior compreensão da estruturação e revitalização desses espaços existentes. Essa experiência permitiu maior aproximação com a Morfologia Urbana, trazida ao grupo pela Staël. Assim, a morfologia explicava a estrutura das cidades e sua importância para planejá-las.

Os temas relacionados à morfologia desenvolvidos no laboratório se restringiam, inicialmente, aos elementos estruturantes das escolas de morfologia inglesa e italiana, sob as orientações dos conceitos de Conzen (1962) e Muratori (1959), respectivamente, e, posteriormente, dos estudos de Whitehand (1987; 1996). Os trabalhos nesta fase mostravam como os elementos estudados em cidades medievais poderiam motivar

pesquisas nas cidades históricas mineiras e indicar a sua aplicabilidade como parte fundamental da constituição do espaço.

Esses estudos mostravam experiências na análise de tipologia e dos tecidos urbanos na constituição da cidade. Tal experiência foi aplicada nos planos diretores, em que Staël posteriormente coordenou o eixo da paisagem urbana.

Ao adotar as abordagens sobre a paisagem e a morfologia nos espaços livres no contexto urbano, a reabilitação de áreas degradadas se mostra mais adequada e possibilita a identidade e qualidade ambiental para a população envolvida.

Nesse aspecto, os trabalhos desenvolvidos no LaP sobre os *fringe belts* ganham destaque, expandindo para orientações na pós-graduação, como a premiada dissertação de mestrado que caracterizava esses espaços em alguns setores de Belo Horizonte.

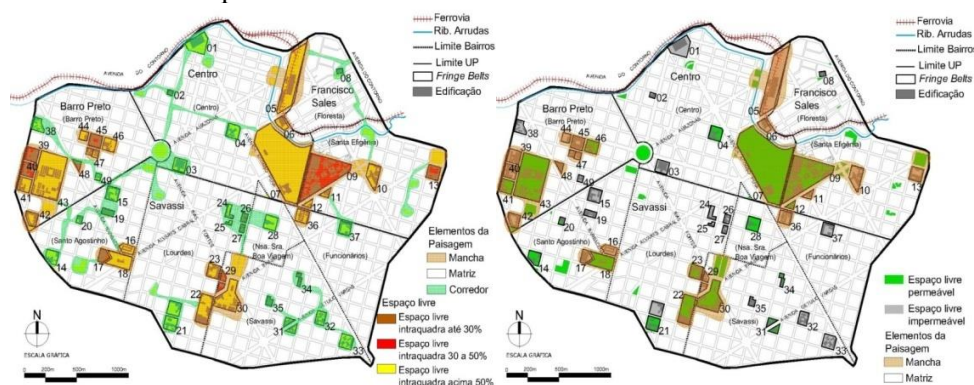


Figura 1. *Fringe belts* na área central de Belo Horizonte (fonte: Simão, K.M., 2012)

Uma das iniciativas importantes trazidas pela Staël foram os intercâmbios entre professores de diversos grupos de pesquisa na área da Morfologia Urbana, que contribuíram para o avanço de novas abordagens e troca de experiências. Dentre outros, os cursos com a participação do professor Ian Morley, da Universidade de Hong Kong, da professora Karin Meneghetti, da Universidade Estadual de Maringá e do professor Vitor Oliveira, da Universidade Lusófona do Porto, se desdobraram em publicações.

Minas Gerais é um estado em constante atividade minerária e a maioria das empresas deste setor se concentra junto às cidades históricas, o que as tornam vulneráveis a possíveis danos e catástrofes, como ocorreu na

Barragem do Fundão, em Mariana, e no Córrego do Feijão, em Brumadinho.

Nesses estudos, a análise da paisagem retratava o sítio por meio do mapeamento, das transformações ocorridas e possíveis recuperações da área destruída. A morfologia auxiliava no reconhecimento e reconstituição dos principais aspectos do traçado urbano e das condições edilícias. Essas duas abordagens permitiam o planejamento e o reassentamento em melhores condições para a comunidade afetada, mesmo que em sítios diferentes.

Assim, a partir desses desastres, foram elaborados estudos com aproximações entre a paisagem e a Morfologia Urbana nas cidades de Sabará, Ouro Preto, Mariana, nos distritos

de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, que podem replicar a metodologia para as demais

cidades históricas afetadas pela atividade minerária.



Figura 2. Livros produzidos resultantes dos cursos (fonte: LaP, 2019, 2021, 2023)

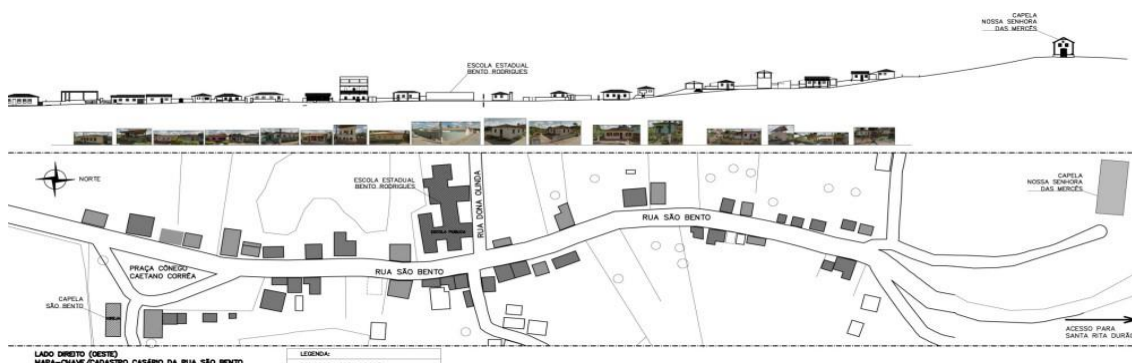


Figura 3. Recomposição do distrito de Bento Rodrigues (fonte: Pereira Costa, S. A.; Dangelo, R. Q.; Vianna, B.; Neves, C.; Andrade, C.; Stubbs, L.; Rezende, M.; Xavier, T., 2017)

Staël trouxe grandes contribuições para o conhecimento da morfologia e da paisagem, com a competência que lhe é peculiar.

E chama atenção uma característica única da sua pessoa: a generosidade. Ela provoca novas oportunidades, especialmente para alunos e iniciantes na pesquisa. A facilidade com que

cria aproximações e acolhimento gera amizades permanentes e duradouras. Sou suspeita em comentar tal situação, pois continuamos com laços que foram construídos desde a época da nossa graduação, passando por estágios juntas e culminando na sala de aula com nossos alunos e, no LaP, com nossos bolsistas.



Figura 4. Equipe do LaP, 2024 (fonte: acervo LaP)

Parafraseando seu primo e conterrâneo, o poeta Carlos Drummond de Andrade, à sua maneira mineira, ela respeita o jeito de ser de cada um: “Ninguém é igual a ninguém. Todo o ser humano é um estranho ímpar.”

Referências

Conzen, M. R. G. (1962) “The plan analysis of an english city centre”, em Whitehand, J. R. (ed.) *The urban landscape: historical development and management*. Papers by M. R. G. Conzen Institute of British Geographers Special Publication 13 (Academic Press, Londres) 25-55.

Forman, R. T. T. e Godron, M. (1986) *Landscape ecology* (Wiley, New York).

Laboratório da Paisagem - EAUFMG LaP (2010) “A transformação dos espaços livres públicos de Belo Horizonte”. *Anais do Colóquio Nacional QUAPÁ-SEL, 2010, São Paulo, Brasil* (USP, São Paulo).

Macedo, S. S. (1999) *Quadro do paisagismo no Brasil* (FAPESP/CNPq - Laboratório da Paisagem, São Paulo).

Macedo, S. S.; Queiroga, E. F.; Campos, A. C.; Custódio, V. e Galender, F. (Orgs.) (2018) *Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil* (Edusp, São Paulo).

McHarg, I. (1969) *Design with nature* (American Museum of Natural History, New York).

Muratori, S. (1959) *Studi per una operante storia urbana de Venezia* (Istituto Poligraphico dello Stato, Roma).

Pereira Costa, S. A.; Dangelo, R. Q.; Vianna, B.; Neves, C.; Andrade, C.; Stubbs, L.; Rezende, M.; Xavier, T. (2017) “O resgate da morfologia urbana de Bento Rodrigues”. *Anais da 6ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2017, Vitória, Brasil*, (UFES, Vitória) 1-1389.

Simão, K. M. (2012) “Fringe belts como elementos estruturadores da ecologia da paisagem: o caso de Belo Horizonte/MG”, Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Whitehand, J. W. R. (1987) *The changing face of cities: a study of development cycles and urban form* Institute of British Geographers Special Publication 21 (Blackwell, Oxford) 76-94.

Whitehand, J. W. R. (1996) “Making sense of Birmingham's townscapes”, em Gerrard, A. J. e Slater, T. R. (eds.) *Managing a conurbation: Birmingham and its region* (Brewin Books, Sidley) 226-40.

Grandeza, liderança e amizade!

Por Eneida Maria Souza Mendonça

Nesta homenagem à professora Staël de Alvarenga Pereira Costa, coube a cada um de nós ressaltar o seu papel na Morfologia Urbana nacional e internacional, mas também relatar a sua participação em nossa vida, como pesquisadora.

No meu caso, isso remete a 2006, quando a rede de pesquisa QUAPÁ-SEL, construída

pelos professores Sílvio Macedo e Eugenio Queiroga, ambos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, para estudar o Sistema de Espaços Livres no Brasil, nos aproximou: eu, como coordenadora do Núcleo Vitória e Staël, como coordenadora do Núcleo Belo Horizonte (Figura 1).

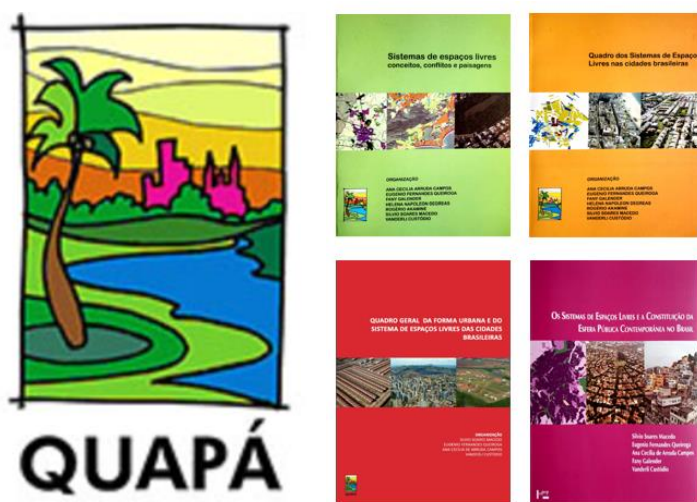


Figura 1. Logomarca Quapá – SEL do Núcleo São Paulo e capas de publicações com artigos de pesquisadores da rede de pesquisa nacional (fonte: Campos et al., 2011, Campos et al., 2012, Macedo et al., 2018a, e Macedo et al., 2018b)

Não nos conhecemos de imediato, mas sim em 2007, quando pela primeira vez, o *International Seminar on Urban Form* - ISUF alcançou, pelas mãos da professora Staël, a América Latina pelo Brasil (Figura 2).



Figura 2. Logomarca do ISUF 2007, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil (fonte: Acervo ISUF2007)

A divulgação do ISUF aconteceu na rede QUAPÁ-SEL, a partir da nossa homenagem, estimulando muitos de nós a nos engajar. E foi lá, em Ouro Preto, em 2007, que nos vimos pela primeira vez: Staël, com um grupo grande de alunos, apresentando a aplicação da Morfologia Urbana na metodologia de elaboração de Planos Diretores Municipais

Participativos em diversos municípios mineiros (Godinho et al., 2007). Percebi que a professora era maior do que eu tinha imaginado! Grande fisicamente e, também, no alcance profissional. Estávamos no Brasil, num momento bastante promissor em relação à elaboração de Planos Diretores Municipais Participativos, considerando a obrigatoriedade estabelecida pelo governo federal, a partir do Estatuto da Cidade, envolvendo municípios com determinadas características (Brasil, 2001). Para isso, acadêmicos como nós, fomos procurados para coordenar os trabalhos. Daí surgiu uma identidade e mais uma aproximação: eu, como Staël, também coordenava Planos Diretores no Espírito Santo e também tinha alunos e ex-alunos como membros da equipe. Achei bonito o modo como a teoria que envolve a Morfologia Urbana se tornava prática na elaboração dos Planos, em Minas Gerais.

Já como colegas próximas da Rede de Pesquisa QUAPÁ-SEL, e novamente a partir da ampla divulgação promovida por Staël, atravessamos o Atlântico, em 2012, e em Lisboa, passamos a nos inserir na *Portuguese Network of Urban Morphology* – PNUM. A frequência massiva de brasileiros motivou a mudança do nome da rede: de *Portuguese* para *Portuguese-Language*. Staël de Alvarenga Pereira Costa logo compôs o Conselho Científico, o alto escalão desta rede, ocupando hoje, de modo merecido, a sua presidência. Nessa mesma época, foi criada a *Revista de Morfologia Urbana*, da qual desde o primeiro momento, Staël fez parte do Conselho Editorial.

Em 2013, no PNUM de Coimbra, conheci, na palestra apresentada por Staël, seu trabalho de mestrado. A partir dele, mais um *insight* me veio à tona. Sua abordagem comparativa sobre a obsolescência programada da estrutura urbana em Belo Horizonte e Londres (Figura 3) foi e ainda é, um alerta sobre processos que se verificam em outras cidades, como em Vitória, onde vivo, trabalho e estudo. Atualmente, acompanhando a situação que se acentuou após a pandemia de Covid-19, quanto ao aumento do número de imóveis fechados no Centro de Vitória, é impossível não relacionar o fato aos seus estudos e ao potencial destes na análise e na formulação de estratégias para reverter a situação em prol da cidade e de seus habitantes.

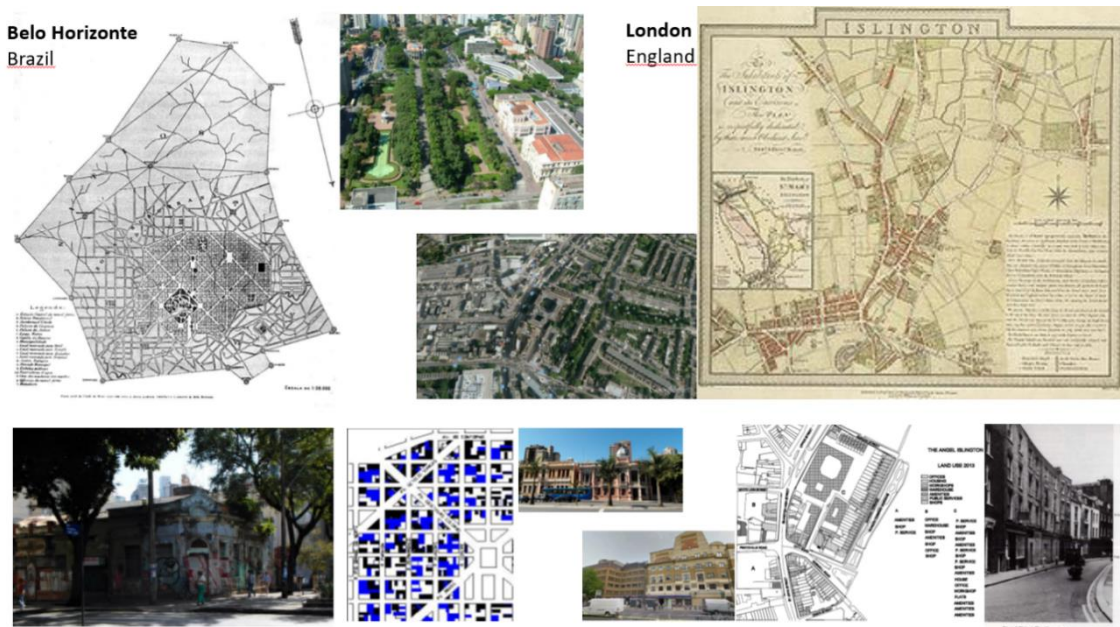


Figura 3. Cartografias e fotografias de estudo comparativo da renovação urbana em Belo Horizonte (Brasil) e em Londres (Inglaterra), elaborado por Staël Costa (fonte: Costa, 1980. Costa, 2013)

Sendo o PNUM uma espécie de subgrupo do ISUF, essas duas redes se misturam. E foi assim que, em 2014, no ISUF do Porto, uma decisão importante foi tomada no âmbito do PNUM: a alternância da coordenação das Conferências entre Brasil e Portugal. Sua participação nesta decisão foi marcante, do mesmo modo, como o apoio às indicações das seguintes sedes das conferências PNUM, no Brasil: Brasília em 2015, Vitória em 2017, Maringá em 2019, Rio de Janeiro em 2022 e Belém em 2024 (Figura 4).

Na sequência desses acontecimentos, pesquisadores brasileiros têm também atuado

na editoria da *Revista de Morfologia Urbana* (Figura 5).

Tenho certeza de que se alcançamos a confiança dos pesquisadores portugueses que construíram o PNUM, foi a partir do seu apoio.

Recentemente, em 2022, tive a grande honra de presidir a comissão de ascensão de sua carreira acadêmica à condição de titular. Neste papel, acompanhando seu Memorial, pude compreender e admirar seu percurso de modo mais completo. Ali, tudo para mim fez sentido! Gostei muito de conhecer sua admirável carreira!



Figura 4. Abaixo, ao centro Staël Costa e ao redor, fotografias e material de divulgação de conferências PNUM realizadas no Brasil (fonte: Acervo PNUM2012, PNUM2013, PNUM2015, PNUM 2017, PNUM 2019, PNUM 2022, PNUM 2024 e Acervo Staël Costa, em ISUF2023)



Figura 5. Algumas capas da *Revista de Morfologia Urbana* com editoria brasileira (fonte: Revista de Morfologia Urbana)

De tudo isso, tem ainda um lado muito divertido, que é acompanhar mesmo à distância, sua liderança no Laboratório da Paisagem – LaP – na Universidade Federal de Minas Gerais. Vejo Staël como a líder das “mineiras”, que no meu entendimento afetivo

envolve as nascidas em Minas Gerais e as agregadas desse imenso Brasil em seu grupo de pesquisa. E, quando penso em Staël e nas “mineiras”, vejo só sorrisos! Além de competência, há também, muita alegria no convívio do trabalho de pesquisa (Figura 6).



Figura 6. Ao centro, Staël Costa, Maria Cristina Villefort e Marieta Maciel. À esquerda, Maria Manoela Gimmler Netto e, à direita, Gisela Barcellos de Souza, todas pesquisadoras do Laboratório da Paisagem da UFMG (fonte: Acervo LaP-UFMG)

É isso, então!... Staël é grandeza, liderança e amizade!

Referências

Campos, A. C.; Queiroga, E. F.; Galender, F.; Degreas, H. N.; Akamine, R.; Macedo, S. S. e Custódio, V. (Orgs.) (2012) *Quadro dos sistemas de espaços livres nas cidades brasileiras*. (FAUUSP, São Paulo).

Campos, A. C.; Queiroga, Eugenio F.; Galender, F.; Degreas, H. N.; Akamine, R.; Macedo, S. S. e Custódio, V. (Orgs.) (2011) *Sistema de espaços livres: conceitos, conflitos e paisagens*. (FAUUSP, São Paulo).

Godinho, L. R.; Costa, S. M. M.; Silveira L. A.; Abreu Jr., J. L.; Pereira Costa, S. de A. P. (2007) “*Urban morphology and master plans: research, education and communities work*”. em *International Seminar on Urban Form*, Ouro Preto. *Proceedings of the International Seminar on Urban Form*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura. Universidade Federal de Ouro Preto, v. 1.

Macedo, S. S.; Queiroga, E. F.; Campos, A. C.; Custódio e Vanderli (Orgs.) (2018a) *Quadro geral da forma e do sistema de espaços livres das cidades brasileiras*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Macedo, S. S.; Queiroga, E. F.; Campos, A. C.; Custódio, V. e Galender, F. (Orgs.) (2018b) *Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil*. (Edusp, São Paulo).

Pereira Costa, S. de A. (1980) *Urban renewal: urban revolution?* (Master) Oxford: Oxford Politechnic, Grã-Bretanha, 1980.

Pereira Costa, S. de A. (2013) Palestra apresentada na Conferência PNUM, Coimbra: Universidade de Coimbra, Portugal.

A transmissão do conhecimento – generosidade com os seus e os outros

Por Karin Schwabe Meneguetti

Neste apanhado de depoimentos que revelam as múltiplas faces e a visão pessoal de cada um sobre a importância do trabalho da professora Staël de Alvarenga Pereira Costa, repete-se uma característica essencial: a sua generosidade. Dentre tantas contribuições que atestam esta característica, coube a mim falar de uma produção que, para nós, professores e

pesquisadores em Morfologia Urbana de língua portuguesa, foi fundamental. Trata-se da disseminação do conhecimento adquirido e praticado em longo tempo de pesquisa em um livro acessível, escrito em português, que traduz os clássicos, os reinterpreta e aplica como exemplo em Ouro Preto (Figura 1), a partir de uma sequência de trabalhos práticos.

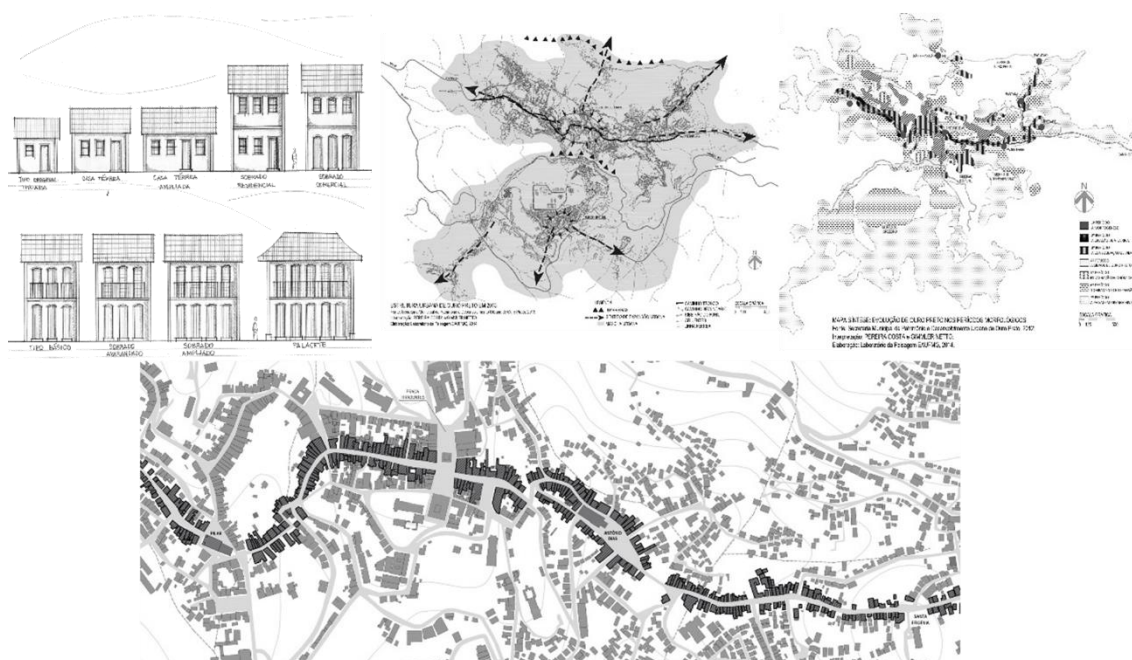


Figura 1. A abrangência dos estudos morfológicos de Ouro Preto publicados no livro (fonte: Pereira Costa e Gimmler Netto, 2015)

O livro – *Fundamentos da morfologia urbana* – introduz aos leitores a Morfologia Urbana tradicional, seus conceitos e abrangências, e mostra as principais diferenças dos demais estudos da forma urbana. Apresenta as duas principais escolas da Morfologia Urbana por meio das suas bases conceituais e ideológicas, os legados de seus fundadores e um glossário dos principais termos para ajudar os iniciantes na matéria. Após demonstrar a validade das teorias no caso prático de Ouro Preto, Staël expõe os achados da sua pesquisa sobre a sincronicidade das duas escolas, tema que ela tem se dedicado com profundidade e persistência.

A importância deste livro se dá pela lacuna de obras em língua portuguesa destinadas à

aplicação prática, acessíveis aos graduandos de Arquitetura e Urbanismo. Como explanamos em um texto publicado também em “Perspectivas” na *Revista de Morfologia Urbana*, no início de 2015 (Meneguetti, 2015), a bibliografia de Morfologia Urbana utilizada na graduação, ou ao menos de leitura das formas da cidade, correspondia basicamente a Cullen (1983), Lamas (1999), Lynch (1997), Panerai (2006) e Rossi (1995), publicados em português entre as décadas de 1980 e 2000. Esta seleção de autores confirma a sobrepujança dos estudos traduzidos ao português sobre aqueles mais tradicionais da Morfologia Urbana, cujos textos em outras línguas dificultam a leitura e a aplicação nas disciplinas de graduação. Exceção feita a

Kohlsdorf (1996) e Del Rio (1990), obras de autores brasileiros publicadas na década de 1990 que tratam da morfologia: a primeira propondo seu método baseado em outras metodologias e, a segunda, como ferramenta para o desenho urbano.

Assim, o livro da Staël, publicado ainda em 2015, ampliou o campo de estudo no Brasil, estendendo a generosidade da partilha de seu domínio para além do seu grupo de pesquisa e do seu laboratório. Possibilitou o acesso dos graduandos e dos professores brasileiros a uma bibliografia de alta qualidade, escrita e apresentada de forma bastante didática. Vejo esta obra cumprindo seus objetivos nos cursos que participo na graduação e pós-graduação.

Dizemos: ‘o livro da Staël’, e aqui, cabe um parêntese: a obra (Pereira Costa e Gimmler Netto, 2015) foi escrita pela Staël e pela Manoela, aqui conosco nesta homenagem, sua estudante desde a graduação e um dos orgulhos da professora, e com quem ela generosamente dividiu sua principal produção bibliográfica.

Assim é Staël: desde que a conheci, no ISUF 2005, em Londres (e lá se vão 20 anos), nunca

a vi se recusar a ouvir, ajudar, opinar, fazer os outros crescerem incansavelmente. Ela se alegra com o sucesso dos seus alunos e dos seus colegas, uma qualidade cada vez mais rara no meio acadêmico. E vê sempre o melhor nessas pessoas. Enxerga o potencial de trabalhos apresentados nos muitos eventos dos quais participa, e lembra das pessoas e da beleza do que transmitiram. Consegue enxergar o potencial dos bons trabalhos e separa com presteza as belas contribuições do que é “bobo”, como ela mesma diz.

Aliás, o ISUF tem recebido a presença constante da Staël nos eventos anuais (Figura 2) e nas reuniões (*meeting board*), e a revista *Urban Morphology* já publicou alguns de seus trabalhos. Sua participação foi importante para a criação do PNUM, a rede de Morfologia Urbana em língua portuguesa, da qual é presidente até 2026. Estas ações tiveram como resultado direto a abertura das redes aos pesquisadores brasileiros e suas pesquisas, fomentada ainda por sua organização do ISUF 2007 em Ouro Preto – o primeiro no Brasil.



Figura 2. Apresentação de trabalhos – ISUF 2011, Montreal e ISUF 2012 Delft (fonte: acervo da autora)

Sua atuação se alarga ainda nos cursos de Morfologia Urbana, onde os alunos têm a oportunidade de conciliar os estudos teóricos com as aplicações práticas, em *field trips* e trabalhos de prancheta. É de sua *práxis* apresentar primeiro as teorias e só depois demonstrar a aplicação prática aos alunos, mostrando, identificando e produzindo material de cada estudo de caso, como vemos nas imagens da Figura 3.

Posso dizer que a nossa homenageada é admirável. Ela colhe hoje os louros do seu esforço, do seu trabalho sério e dedicado de tantos anos. Sua amizade e parceria com as professoras Maria Cristina Villefort Teixeira e

Marieta Cardoso Maciel, além dos laços de afeto, possibilitou a ampliação das discussões para a *expertise* de cada uma, e deu frutos no laboratório para o benefício dos alunos, como a própria Cristina mencionou no texto aqui publicado.

Conheci também Staël como supervisora do meu pós-doutorado. Pude compartilhar deste processo e aprendi muito com as nossas discussões. Fomos a campo para entender a visão de Conzen em Alnwick, na Inglaterra, andamos muito, discutimos outros tantos, e pude crescer com ela. Com esta experiência, posso dizer também que seus alunos são privilegiados.



Figura 3. Trabalhos de campo – Tiradentes e Ouro Preto (fonte: acervo da autora)



Figura 4. Trabalho de campo em Alnwick, Inglaterra, 2014 (fonte: acervo da autora)

Sou muito grata por ter me aproximado destas pessoas de bem e hoje poder fazer esta pequena homenagem para uma grande pesquisadora e mulher, cujo trabalho em andamento em prol da ciência brasileira continuará crescendo e frutificando. Que sua energia, capacidade e vontade de contribuir sejam exemplos para balizar o campo da Morfologia Urbana e alicerçar a escola de Morfologia Urbana de língua portuguesa.

Referências

Cullen, G. (1983) *Paisagem urbana* (Edições 70, Lisboa).

Del Rio, V. (1990) *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento* (Pini, São Paulo).

Kohlsdorf, M. (1996) *A apreensão da forma da cidade* (UNB, Brasília).

Lamas, J. M. R. G. (1999) *Morfologia urbana e desenho da cidade* (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa).

Lynch, K. (1997) *Imagem da cidade* (Martins Fontes, São Paulo).

Meneguetti, K. S. (2015) “O ensino da morfologia urbana no curso de arquitetura e urbanismo da UEM”. *Revista de Morfologia Urbana*, 3(1), 61-62.

Panerai, P. P. (2006) *Análise urbana* (UNB, Brasília).

Pereira Costa, S. A. e Gimmler Netto, M. M. (2015) *Fundamentos de morfologia urbana* (C/Arte, Belo Horizonte).

Rossi, A. (1995) *A arquitetura da cidade* (Martins Fontes, São Paulo).

Contribuições, processos e desafios para o futuro

Por Maria Manoela Gimmler Netto

Olhos brilhantes, escuta atenta e questionamentos instigantes. É assim que percebo Staël quando trabalha com grupos de pesquisa em Morfologia Urbana. A satisfação em descobrir caminhos de investigação e achados de pesquisa tem sido, ao longo de nossa trajetória juntas, uma fonte de inspiração para o livre pensar sobre as paisagens urbanas. Contudo, para a professora, essa liberdade requer responsabilidade, é resultado de um árduo trabalho de investigação, com rigor metodológico e científico, sempre discutido em equipe para a consolidação dos conhecimentos alcançados.

Essa maneira de trabalhar, criando um ambiente de cooperação, faz com que muitos alunos se tornem pesquisadores e colaboradores nas pesquisas propostas por Staël. E essa é uma enorme contribuição da professora: a formação de profissionais colaborativos e críticos dos desafios das paisagens contemporâneas. Como exemplos práticos dos resultados obtidos pelos grupos de pesquisas, sob sua orientação, destaco os três livros sobre o tema, lançados em 2015, 2019 e 2023, respectivamente (Figura 1).



Figura 1. Capas de publicações de resultados de pesquisa (fonte: acervo da autora)

O livro *Fundamentos de morfologia urbana* (Pereira Costa e Gimmler Netto, 2015) é fruto da experiência da Staël em liderar o grupo de pesquisas realizadas no Laboratório da Paisagem. Essas pesquisas envolviam a tradução, a interpretação dos conceitos e a realização de discussões para definições mais precisas dos aportes teóricos. E, sobretudo, tinham como objetivo didático a aplicação dos métodos cartográficos, que derivavam análises por comparações, possibilitando a leitura dos processos transformativos da paisagem de Ouro Preto. Este livro foi lançado em 2015 e reimpresso em 2017 e contribuiu para suprir uma lacuna de referências bibliográficas em língua portuguesa sobre o assunto. A publicação sintetiza o arcabouço teórico e metodológico das escolas inglesa e italiana de Morfologia Urbana, divulgando seu conteúdo ao contexto brasileiro.

Uma reflexão importante abordada na introdução do referido livro parece permear a trajetória da Staël. Se a Morfologia Urbana deve ser entendida como o estudo da forma urbana em função do tempo, são as análises de evolução, que envolvem formação e transformação ou permanência, seus fundamentos essenciais. E esses processos espaciais e temporais são resultantes de interações socioeconômicas e culturais em sentido mais amplo. Portanto, os estudos morfológicos se diferenciam de análises da forma urbana, puramente descritivas em seus padrões e estáticas em relação à passagem do tempo.

Essa noção de processo morfológico é também reforçada nas análises presentes na publicação intitulada *Os modelos das companhias industriais e seus reflexos nas cidades brasileiras* (Teixeira et al., 2019).

Neste livro, o modelo industrial de urbanização, sua materialização e transformações contemporâneas são abordadas em uma coletânea de artigos, que apresentam diferentes contextos de transformação urbana influenciados pelas companhias industriais. *Denominado Model Company Town*, o conceito carrega a ideia de um modelo de urbanização vinculado à indústria, cujas principais características estão fundamentadas nos meios de produção. Assim sendo, estruturas hierárquicas e sociais produtivas são reproduzidas na paisagem urbana, refletindo um planejamento baseado no controle do espaço urbano. A publicação reúne de maneira interdisciplinar diferentes autores e abordagens capazes de possibilitar uma visão ampliada sobre as influências das companhias industriais no desenvolvimento de diferentes paisagens urbanas.

Já no livro *A morfologia urbana de Tiradentes/MG* (Gimmler Netto et al., 2023) o objetivo foi reunir as diferentes aplicações das teorias, conceitos e métodos morfológicos, no contexto específico de Tiradentes. Para além do conhecimento relevante produzido sobre a forma urbana passada da vila colonial e de seu território, o tempo presente é explorado em seus desafios contemporâneos. Como resultado, os últimos capítulos oferecem um conjunto de sugestões e orientações para o futuro, incluindo abordagens de planejamento urbano e gestão ambiental e turística.

Para além das publicações, por ser sempre atenta às transformações, o que apreendeu com a Morfologia Urbana, Staël continua se reinventando após sua recente e merecida aposentadoria. Após 47 anos contabilizados de trabalho, como ela mesma conta com orgulho, essa incrível pessoa continua ativa como professora, pesquisadora e exercendo atividades de liderança.

Em relação ao ensino, na escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, destaca-se sua contribuição na atividade docente na graduação e na pós-graduação. Na graduação, a preferência por abordagens práticas incentivava os alunos a descobrirem caminhos para a resolução de problemas, respeitando seu tempo de aprendizagem, o que contribui para a internalização dos conhecimentos. E, na pós-graduação, no programa interdisciplinar denominado Ambiente Construído e

Patrimônio Sustentável, Staël ainda orienta alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, além de propor e ministrar disciplinas.

A disciplina Morfologia Urbana é proposta frequentemente pela professora, que busca sempre inovar nas abordagens didáticas e temas a cada oferta. Recordo-me de participar em uma dessas ofertas de um curso que integrava alunos de graduação e de pós em atividades conjuntas, possibilitando a participação presencial e remota dos estudantes, em contexto pós-pandemia. Desconsiderando as dificuldades técnicas, ocasionadas pela precariedade de equipamentos disponíveis, a experiência foi positiva para alunos e professores, todos interagindo em trocas de experiências e em discussões sobre os temas propostos.

Esse é seu modo de lecionar, propondo desafios, impulsionando questionamentos e mediando os debates. Em suas palavras, escritas em seu Memorial: “[...] ser professora significa, para mim, aquela pessoa que proporciona e desperta a curiosidade pelo conhecimento” (Pereira Costa, 2021, p. 44).

Este é também seu posicionamento em relação à pesquisa, fomentando no Laboratório da Paisagem um ambiente de colaboração. Seja entre os professores participantes, seja entre os pesquisadores bolsistas, todos cooperavam para avançar nas investigações científicas. Esta minha percepção é reforçada por suas próprias palavras também em seu Memorial: “[...] importa mais a convivência saudável que induz a busca pelo conhecimento do que a necessidade de descobrimento de um produto específico num determinado período de tempo” (Pereira Costa, 2021, p. 44).

Por ser uma pessoa aberta aos olhares dos outros e por compreender a importância dos processos, tanto nas relações humanas, quanto nas investigações sobre as paisagens, Staël contribui efetivamente para a produção de conhecimento. Isso ocorre como consequência natural das suas atividades. E, por esse motivo, está sempre disposta aos novos desafios que fazem seus olhos brilharem. Dentre os mais recentes, destacam-se um novo livro em andamento sobre abordagens morfológicas inconclusas e a atividade de liderança frente à Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM).

O novo livro, ainda sem nome, focaliza conceitos e métodos sobre as Regiões Morfológicas, que não são claramente definidos nas publicações de Conzen (1969 e 2004), principal representante da Escola Inglesa. Por esse motivo, essa abordagem é considerada inconclusa por pesquisadores das redes internacionais de Morfologia Urbana, como Whitehand (2009), Gu (2019) e Oliveira e Yaygin (2020), que constata a indefinição conceitual e, principalmente, da metodologia estruturada em ordens geográficas.

No entanto, a existência de procedimentos metodológicos ainda pouco conhecidos se apresentam como promissoras oportunidades para aprofundamento das análises da evolução urbana. E, conseqüentemente, produzem novas informações sobre o desenvolvimento urbano das paisagens. Com esse objetivo, aplicações práticas são experimentadas metodologicamente em mapeamentos e discussões em grupo de pesquisa são realizadas para a definição dos termos utilizados. Espera-se que a futura publicação do livro possibilite a instrumentação de profissionais, conscientes das transformações urbanas para atuação em planos, projetos, formulação de políticas públicas e tomadas de decisões sobre as paisagens contemporâneas.

Recentemente, a professora pesquisadora também assumiu um novo desafio na presidência do PNUM, período em que seu conhecimento científico, experiência prática e maneiras de atuação, terão muito a contribuir para a Rede de Morfologia Urbana, que conecta os pesquisadores de países de língua portuguesa. Em suma, Staël continua a trilhar uma brilhante carreira, influenciando gerações de profissionais, contribuindo para a ciência e para o futuro do país. Essa homenagem é uma maneira de celebrar sua relevância profissional e a oportunidade para demonstrar meu profundo agradecimento!

Referências

Conzen, M. R. G. (1969) *Alnwick, Northumberland: a study in town plan*

analysis (Institute of British Geographers, London) n. 27.

Conzen, M. R. G. (2004) “Morphogenesis, morphological regions, and secular human agency in the historic townscape, as exemplified by Ludlow, em Conzen, M. P. *Thinking about urban form: papers on urban morphology, 1932–1998* (Oxford: Peter Lang) 116-142.

Gimmler Netto, M. M.; Salgado, M.; Souza, G.B.; Teixeira, M. C. V.; Pereira Costa, S. de A. (Orgs.) (2023) *A morfologia urbana de Tiradentes/MG* (Pacoti, CE: Geplam Assessoria: Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da UFMG).

Gu, K. (2019) “Urban morphological regions: development of an Idea”, em Oliveira, V. (ed.) *J. W. R. Whitehand and the historico-geographical approach to urban morphology* (Springer Nature Switzerland, Cham) 33-46.

Oliveira, V.; Yaygin, M. A. (2020) “The concept of the morphological region: development and prospects”. *Urban Morphology* (24) 11 35-53.

Pereira Costa, S. de A.; Gimmler Netto, M. M. (2015) *Fundamentos de morfologia urbana*. (C/Arte, Belo Horizonte).

Pereira Costa, S. de A. (2021) Memorial apresentado como requisito para promoção para a Classe E, Professor Titular. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

Teixeira, M. C. Villefort; Gimmler Netto, M. M.; Maciel, M. C.; Salgado, M.; Pereira Costa, S. de A. (Org.) (2019) *Os modelos das companhias industriais e seus reflexos nas cidades brasileiras* (CRV, Curitiba).

Whitehand, J. W. R. (2009) “The structure of urban landscapes: strengthening research and practice”, *Urban Morphology* (13)1 5-27.

Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.

Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

